

André Elias Barreto da Silva¹

Resumo: Nesse artigo será apresentado o debate a respeito do bolsonarismo com as considerações de diferentes autores que compõem um largo campo de competências científicas, como antropólogos, sociólogos, historiadores e cientistas sociais. Assim como também um amplo espectro de disposições teóricas, pois o objetivo principal desse exposto é mostrar o surgimento do debate e tentar abranger da maneira mais ampla possível o arcabouço de reflexões acerca do bolsonarismo utilizadas pelos autores tendo em vista as relações possíveis entre o bolsonarismo e o fascismo. Trata-se, portanto, de trazer as considerações, referências, problemáticas, insuficiências, bem como os principais pontos de argumentação sustentados pelos autores no nascedouro do debate científico sobre o bolsonarismo.

Palavras-chave: bolsonarismo; fascismo; ideologia.

BOLSONARISM: A DEBATE IN PERSPECTIVE

Abstract: This essay intends to introduce the debate about bolsonarism, with the considerations of authors from a wide range of scientific fields, such as anthropologists, sociologists, historians and social scientists. As well as an ample spectrum of theoretical positions, since the main goal of this work is to showcase the birth of the debate and include as wide an array of reflections regarding bolsonarism as possible, looking to focus on the possible relationship between bolsonarism and fascism. The goal is, therefore, to bring together the considerations, references, problems, insufficiencies, as well as the central arguments of the authors at the very start of the scientific debate about bolsonarism.

Keywords: bolsonarism; fascism; ideology.

Antes mesmo de existir uma definição mais precisa quanto ao “bolsonarismo”, uma das primeiras obras a citar a possibilidade em aberto de Jair Bolsonaro como sendo aspirante a fascista brasileiro foi a obra “O

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: andre_barreto@id.uff.br.

Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou", em 2017, dos autores Guilherme Reis e Giovanna Soares.

Nessa obra os autores entendiam que de 2013 ao golpe de 2016 abriu-se um vácuo político no qual a extrema-direita conseguiu preencher e se desenvolver. Para os autores existiam a época dois nomes expoentes com potencialidade para assumirem o signo de líder fascista de um movimento de extrema-direita em ascensão, eram eles os então deputado Jair Bolsonaro, e o juiz da lava-jata, Sérgio Moro.

A criminalização da política e particularmente da esquerda, o descrédito da representação, o incompetente trabalho dos partidos estabelecidos de levar adiante seus deveres de formação política e mobilização para a participação, e a profunda espetacularização e midiatização dos escândalos são elementos que, somados, permitem que o ovo da serpente fascista tenha sido chocado ainda sem um líder pré-determinado para liderar as massas encantadas rumo ao avanço projeto reacionário.

Há, no entanto, figuras públicas qualificadas para encarnar o papel. As eleições municipais de 2016 mostraram não apenas um fracasso da esquerda como um todo, e do PT em particular, mas também a recorrência do discurso por parte dos candidatos de não serem políticos tradicionais. Dois outros nomes, no entanto, podem ser apontados como os mais promissores para assumir tal papel: o juiz de primeira instância e comandante da Operação Lava-Jato Sérgio Moro e o deputado federal representante dos militares Jair Bolsonaro. Ambos se qualificam por seu antiesquerdismo, criminalização da política, conservadorismo, personalismo, e autoimputado papel de cruzado contra o sistema. Bolsonaro, no entanto, assume de forma muito mais explícita e completa o discurso fascista, além de já estar envolvido na disputa eleitoral, de já ter se lançado pré-candidato a presidente e de estar bem cotado nas pesquisas.²

E complementam os autores,

Desde o golpe de 2016, pode-se dizer que o Brasil tem um governo autoritário e movido por pautas reacionárias, com um Estado crescentemente violento e descompromissado com os direitos e garantias; mas não é um governo ou um Estado fascista. Na sociedade, no entanto, o fascismo já é perceptível, podendo inclusive tornar-se uma força eleitoral relevante, a julgar pela repercussão pública do nome do deputado federal Jair Bolsonaro, abertamente um defensor da ditadura militar, da tortura, da homofobia e de políticas de segurança pública repressivas.³

² REIS, Guilherme; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou. Desenvolvimento em debate. v.5, n.1, p.51-71, 2017. p. 68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/32164>. Acesso em: 08/01/2022.

³ Idem, p. 54.

É interessante notar a lucidez por parte dos autores, ao menos pela seriedade de não terem subestimado a potencialidade eleitoral desse movimento de cariz fascista que de fato já representava uma força eleitoral preocupante em 2017.

Desse modo, conforme dados de pesquisa de intenção de voto do Datafolha, em junho de 2017, num cenário onde Sérgio Moro e Jair Bolsonaro figuravam como possíveis candidatos tínhamos os seguintes números⁴:

- Lula 29%
- Sergio Moro 14%
- Marina Silva 14%
- Jair Bolsonaro 13%
- Geraldo Alckmin 6%
- Luciana Genro 2%
- Eduardo Jorge 2%
- Ronaldo Caiado 1%
- Branco / Nulo 15%
- Não sabe 2%

Embora Lula despontasse isoladamente nessa e em praticamente todas as pesquisas de intenção de voto até o período próximo às eleições, é possível notar que somadas as porcentagens de Bolsonaro e Moro, o montante já representava 27% das intenções de voto. Considerando a margem de erro seria possível inclusive considerar um empate técnico entre o possível montante de eleitores de Bolsonaro e Moro com os votantes de Lula.

É claro que um movimento de migração de votos de um candidato para outro não aconteceria de maneira tão mecânica e de forma total. No entanto, a considerar o discurso e o bueiro histórico que tanto Jair Bolsonaro como Sérgio Moro emergiram, o mais provável é que ambos possuíssem um

⁴ DATAFOLHA. Pesquisa eleitoral. Instituto de pesquisa. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisaseleitorais/datafolha/pesquisa-datafolha-junho-2017/>. Acesso em: 08/01/2022.

eleitorado minimamente semelhante. É o que parece mostrar os números das pesquisas sequenciais de julho e agosto. Considerando o mesmo cenário de opções, só que dessa vez sem a consideração de Moro como possível candidato, Bolsonaro passou de 13% em junho para 21% em julho e 25% em agosto de 2017. Ou seja, em 2 meses de pesquisa sem ter Moro como opção Bolsonaro praticamente dobrou em intenções de voto.

Mais uma vez é preciso ressaltar que é claro que outros fatores podem ter contribuído para tal crescimento, mas fica evidente que importante contingente do possível eleitorado “morista” acabou migrando para Bolsonaro, o que ao menos em parte parece corroborar com o argumentado por Reis e Soares⁵, a respeito de Bolsonaro e Moro terem estado relacionados e em certo sentido disputando uma mesma massa de indivíduos simpáticos e inclinados a extrema-direita.

No entanto, o debate no qual os autores figuram como uns dos primeiros a discutir academicamente, tem suas concordâncias e discordâncias com autores que publicaram posteriormente a respeito da proximidade ou não do bolsonarismo com a ideia de fascismo em pleno século XXI no Brasil.

Na leitura dos autores já era possível identificar uma espécie de movimento fascista no Brasil desde pelo menos o golpe de 2016, tendo Moro e Bolsonaro como principais aspirantes ao cargo de líder do movimento. Sua averiguação se debruçou em meio a uma conjuntura cujos elementos observados ratificaram seu entendimento sobre a emergência de um movimento fascista, tais como: crise econômica e de representação das massas; forte sentimento de apresso quanto a políticas de repressão e ao próprio militarismo em si, como também o discurso antissistêmico, antidemocrático e violento sobretudo por parte de Jair Bolsonaro.

E recorrendo a autores como Hannah Arendt, Domenico Losurdo, e outros de inspiração frankfurtiana, os autores tentaram se desconectar de

⁵ REIS; SOARES. op.cit.

uma visão do fascismo entendida somente enquanto algo violento e intolerante. Para eles estes adjetivos não podem por si só definir o fascismo, e sim alguns pontos mais específicos que compõem o corolário fascista e puderam ser identificados no Brasil do período pós golpe, como o anti-inlectualismo; personalismo; irracionalismo; bodes-expiatórios eleitos como culpados de todos os males da sociedade; suspeita paranoica; líder com carisma, que se faz povo. Todos elementos característicos do fascismo que estavam presentes na conjuntura política dos autores.

Não obstante, um dos primeiros autores a tentar definir aspectos ideológicos do “bolsonarismo”, o autor Felipe Catalani, argumenta de forma semelhante. Na visão do autor,

Muitas das especulações do caráter fascista do bolsonarismo rodam em falso. É evidente que há certos limites na analogia com o fascismo histórico: se na Alemanha hitlerista havia a ostentação de uma Volksgemeinschaft [comunidade do povo], calcada na ideologia do “sangue e solo” e até com ares pretensamente anti-capitalistas (na oposição entre capitalismo financeiro judaico rapinante versus capitalismo produtivo “com lastro”), o que vemos no Brasil atual é um esgarçamento total do tecido social, um hiperindividualismo de crise. Como contra-argumento, alguns dizem, por exemplo, que o fascismo seria necessariamente estatista e intervencionista, e que o programa de Bolsonaro é ultra liberal, ou que Bolsonaro não é fascista e sim “um soldado das guerras culturais” etc.⁶

Assim, o autor finca uma posição no debate, de entender o fascismo não como algo datado no entreguerras, nem mesmo sujeito a características de outra conjuntura específica, mas sim um processo histórico que pode ressurgir com suas devidas adaptações. E desenvolve sua argumentação acerca do bolsonarismo da seguinte maneira.

Mas uma coisa é o governo Bolsonaro, que ainda não existe, e sobre o qual podemos ter algumas hipóteses; outra coisa é um fenômeno bem palpável e efetivo que é o que podemos chamar de bolsonarismo, ou o que Esther Solano chamou de “bolsonarização da esfera pública” (que é na verdade, creio eu, o tiro de misericórdia da esfera pública). O fascismo aqui deve ser entendido não tanto como

⁶ CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Blog da Boitempo*, v. 28, n. 10, 2018. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/38270568/Aspectos_ideológicos_do_bolsonarismo. Acesso em: 10/01/2022.

um elemento do Estado ou uma forma de governo, mas como um fenômeno social e ideológico. Por vezes, a adesão ao discurso fascista aparece como uma patologia psicológica. Porém, também Adorno, que tanto se apoiou na psicanálise e na crítica da ideologia em suas análises do fascismo, afirmou que “o fascismo como tal não é um problema psicológico [...]. Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo.” Por mais que a família Bolsonaro seja um bando de psicopatas, isso não é uma explicação suficiente. Ou seja, devemos ter em vista que a ideologia não pode ser tomada como uma dimensão psíquica autônoma, uma patologia individual, mas como algo que diz respeito a processos sociais e históricos objetivos.⁷

Portanto, baseado em Theodor Adorno, que é a base teórica de todo o seu artigo, o autor chama a atenção para o entendimento do fascismo enquanto ideologia, ou seja, uma ideia borbulhante em meio ao imaginário social que representa também a correspondência concreta de um movimento nascente. É importante compreender essa dimensão do fenômeno pois na altura de sua análise o bolsonarismo se encontrava ainda em fase de desenvolvimento e ascensão, com um movimento ideológico que poderia ou não alcançar um estado mais avançado como um regime e ou Estado fascista por exemplo. Como também a assertiva da sustentação do autor de que tratar o fascismo simplesmente enquanto uma patologia psíquica seria insuficiente para o bom entendimento do fenômeno.

Contudo, o autor vai além em sua apreensão, recorrendo ao sociólogo Florestan Fernandes, insere o processo histórico em questão na luta de classes na maneira pela qual ela é travada historicamente no Brasil.

Vale ressaltar que há um elemento desse novo fascismo que se vincula a uma forma específica da luta de classes no Brasil. Florestan Fernandes dizia que a luta de classes no Brasil não se dá entre capital e trabalho, e sim entre quem tem propriedade e quem não tem: por isso ela não é um mecanismo regulador interno do capital, mas sim simplesmente sanguinária. Alguns substantivos no programa de Bolsonaro são grafados em maiúsculo, dando a eles uma conotação semi-religiosa, mas no caso da propriedade privada, para não deixar dúvidas, é dito de forma clara: ela é sagrada. Portanto aquele que a infringe é um sacrílego. Isso é muito evidente no “programa”, que visa (1) armar os proprietários (2) “tipificar como terrorismo invasão de propriedade rural e urbana”, (3) para ladrões e assaltantes, “prender e deixar na cadeia” (para não citar as declarações que envolvem pena de morte e esterilização dos pobres). O que se revela aqui é uma

⁷ Idem, p. 3.

matriz colonial desse neo-fascismo brasileiro, estruturalmente racista: uma parcela da população é considerada efetivamente descartável “como modess usado ou bombril” (Mano Brown).⁸

Desse modo, o fascismo além de não ser simplesmente uma patologia psíquica de um bando de sujeitos enfurecidos e irracionais, também não ocorre numa dimensão apartada da política e do econômico. Pensar em fascismo no Brasil e em qualquer lugar do mundo é também pensar o capitalismo e todas as suas contradições que fazem desse fenômeno possível e frequentemente ressuscitado por seus asseclas.

Todavia, duas das primeiras autoras a tentar definir a composição do bolsonarismo foram a antropóloga, Rosana Pinheiro Machado, e a socióloga, Lucia Scalco. A preocupação das autoras difere um pouco de tentar atrelar ou não o bolsonarismo ao fascismo, o interesse imediato para ambas se voltou para os sentidos do bolsonarismo, ou seja, suas contradições mais evidentes; as disputas simbólicas por pautas identitárias na sociedade; assim como os valores defendidos por bolsonaristas.

Uma das grandes lições proposta pelas autoras reside no fato de se recorrer ao diálogo, sobretudo com jovens bolsonaristas, comumente flexíveis ao debate para tentar trazê-los aos valores democráticos. E criticam a identificação mecânica de se considerar tais jovens simpatizantes de Bolsonaro como fascistas e ou de extrema-direita.

Em tempos de crise política, isso nos ajuda a fugir da razão do senso comum polarizado que, comumente, parte do princípio que existe um campo homogêneo que, ao se identificar com Bolsonaro, é automaticamente fascista, de extrema direita, produz discurso do ódio e é avesso ao diálogo. Esse encapsulamento de identidades juvenis não é apenas reducionista sob o ponto de vista acadêmico, como também traz outras implicações negativas.eticamente, a rotulação não deixa de ser uma forma de violência e uma irresponsabilidade, uma vez que muitas vezes estamos nos referindo a adolescentes em processo de formação política. Politicamente, acreditamos que se trata de um erro estratégico que perde a oportunidade não apenas de entender as razões do apelo conservador, mas também de dialogar e oferecer discursos alternativos. Se uma parte do self desses jovens nos mostra flexibilidade e adaptabilidade, é nisso que

⁸ Idem, p. 9-10.

precisamos nos agarrar para uma aposta em uma sociedade democrática.⁹

Entretanto, um dos grandes feitos das autoras foi ter buscado, ou pelos menos vislumbrado chegar a tal, as raízes do próprio bolsonarismo no cotidiano brutal da contraditória vida sob sociabilidade neoliberal.

Esperança e ódio não são - e nunca foram - categorias excludentes, mas coabitam ganhando maior ou menor espaço conforme o contexto. Isso nos ajuda a compreender porque, no caso em questão, não se pode falar em uma "virada conservadora". De um lado, poderia-se inferir que a adesão bolsonarista tem algumas de suas raízes no próprio modelo de desenvolvimento lulista focado na agência individual e no consumo – e não na mudança estrutural dos bens públicos atrelada a um processo de mobilização coletiva. Esse argumento é legítimo, porém incompleto, já que nosso esforço aqui também foi mostrar que mesmo políticas liberais tinham potência política, além de que o ideal da felicidade era algo finalmente avistado no horizonte das pessoas de baixa renda. De outro lado, também poderia se inferir que o crescimento do "bolsomito" nas periferias é fruto do golpe de 2016. Este também é um argumento legítimo e incompleto, uma vez que o lulismo foi incapaz de promover transformações estruturais. Logo, a agenda de austeridade de Michel Temer mais aprofunda do que inaugura uma vida de exclusão. Por isso, temos preferido pensar em um continuum histórico em que a violência estrutural – o racismo, a discriminação de classe, o patriarcado ancorado na figura do super macho - e a presença da igreja, do tráfico e da polícia sempre foram os modelos preponderantes, juntamente, é claro, com práticas cotidianas de resistência, criatividade, amor e reciprocidade.¹⁰

Como as autoras sustentam, é insuficiente apontar somente um dos motivos de gestação do bolsonarismo. Cada um deles deve ser somado à um complexo de causas que somadas parecem dar a real substância do bolsonarismo. E ir por esse caminho também parece ser o mais correto até mesmo para uma caracterização ou não do fenômeno enquanto algo fascista, uma vez que foge a frequentes transposições teóricas de outras realidades e contextos para encaixar em nossa realidade. Ainda que seja necessário recorrer aos clássicos sobre o fascismo, é preciso ter cautela e rigor

⁹ PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo. *Instituto Humanitas Unisinos*. n. 16. 04/10/2018. p. 12. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>. Acesso em: 11/01/2022.

¹⁰ Idem, p.13.

científico para buscar uma definição do bolsonarismo como fascismo, como não negligenciar a própria concretude que a realidade apresenta.

Não obstante, outros autores também tiveram mais cautela e rigor científico para considerações sobre o fascismo, precisamente no sentido de entender que se trata de um tema espinhoso e que merece astúcia para fugir a equívocos que podem ser caros para a própria mobilização social de resistência a um movimento de cunho fascista.

Como no caso do autor de tradição marxista, Demian Melo, que após citar um fragmento de uma obra do autor Leandro Konder, introduz algo bastante significativo para a apreensão do fenômeno do fascismo como um todo.

Como observamos no trecho em epígrafe, o saudoso Leandro Konder insistiu em seu livro *Introdução ao fascismo* que essa mania da esquerda chamar de “fascista” qualquer direita autoritária poderia ter legitimidade como recurso de agitação, mas era enganoso como instrumento de análise e pode produzir efeitos nefastos na luta política, pois desarma a esquerda no entendimento dos movimentos de seus adversários. É indiscutível que essa forma fraca de considerar “fascista” qualquer direita produziu historicamente resultados desastrosos na vida dos trabalhadores e a desarticulação violenta da esquerda.¹¹

E no decorrer do artigo o autor demonstra os perigos de se tratar um fenômeno de tamanha profundidade teórica e política com generalizações ou equívocos. Por isso, é preciso ter cautela na análise do bolsonarismo, embora o autor não tenha dúvidas em atribuir à figura de Jair Bolsonaro, ou seja, à personalidade central do bolsonarismo, como um fascista de fato.

No entanto, assumir que Bolsonaro seja de fato fascista não implica em dizer que seu governo ou que o movimento autoritário que lidera seja necessariamente (ou totalmente fascista). Mas, voltar aos clássicos mesmo aqueles equivocados a respeito do fascismo podem ser de grande proveito. Menos, tal como observa o autor, para aquelas pessoas “as quais nenhuma

¹¹ MELO, Demian. Sobre o fascismo e o fascismo no Brasil de hoje. Esquerda Online. 04/04/2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/04/04/sobre-o-fascismo-e-o-fascismo-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 12/01/2022.

categoria “européia” teria capacidade heurística no mundo não-Ocidental. Longe desse beco-sem-saída-epistemológico ficamos melhor para combater o fascismo.”¹²

Em todo caso, para alguns autores a cautela é tamanha que o fazem inclusive rechaçar a alcunha de fascista para o fenômeno bolsonarista, ou pelo menos relativizar tal questão. É o caso dos autores Rodrigo Patto Sá Motta e Daniel Aarão Reis, que preferem tratar em termos de “populismo” e “extrema-direita”.

Motta buscou as raízes do quadro político do bolsonarismo nos anos 1980.

O quadro atual tem raízes na segunda metade dos anos 1980, logo após o fim da ditadura, quando diferentes grupos de direita se organizaram para enfrentar a esquerda que retornara à cena pública e conseguira imprimir caráter progressista à Constituição de 1988. Nesse contexto, foram organizados grupos de empresários rurais contrários à reforma agrária e entidades neoliberais críticas ao intervencionismo estatal e do aumento de gastos sociais implicados na Constituição de 1988. Pouco depois, nos anos 1990, quando o Estado começou investigações oficiais sobre os assassinatos e desaparecimentos da ditadura e criou as primeiras políticas de reparação, grupos de militares da reserva se organizaram para defender uma memória positiva da ditadura e denunciar a influência da esquerda sobre os governos pós-regime militar.¹³

Portanto, na visão do autor o bolsonarismo tem uma ligação histórica com resquícios do próprio fim da ditadura no Brasil. E de fato, tais empresários rurais e entidades neoliberais compuseram o governo bolsonarista por exemplo. A chamada bancada do boi e seu ministro da economia, Paulo Guedes, parecem corresponder a tal afirmação. Assim como a evidente influência de militares da reserva, árduos combatentes de uma esquerda que ampliou sua influência dentro da democracia brasileira desde os anos 1990, se consolidando nos anos 2000.

¹² Idem, p.7.

¹³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Bolsonarismo*. Trabalho apresentado no evento: III International Association for comparative fascist studies Convention, Viena, 2020. p.3.

No entanto, o autor não possui uma posição tão fechada quanto ao bolsonarismo, e apesar de não coadunar com a análise de outros autores a respeito do bolsonarismo ser fascista, ele também deixa claro não se tratar de um absurdo tal visão em função de uma série de elementos que de fato suscitam proximidades do bolsonarismo com o fascismo.

A classificação de Bolsonaro como fascista ou neofascista tem sido corrente entre lideranças e intelectuais de esquerda, que dessa forma lançam mão do pior adjetivo disponível para nomear o adversário. Embora a paixão política tenha algum peso nessa análise, associar o bolsonarismo ao fascismo está longe de ser um absurdo. Considerando as tipificações mais correntes sobre o fascismo genérico (Payne, 2003; Paxton, 2007; Griffin, 1991), alguns aspectos realmente aproximam o bolsonarismo da cultura fascista e dos movimentos neofascistas.¹⁴

Todavia, o autor cita alguns pontos que também distanciam o bolsonarismo do fascismo como a questão do nacionalismo fajuto, e o mais importante na visão do autor talvez seja o fato do bolsonarismo ter em sua composição o neoliberalismo, contrariando assim um ponto supostamente fundamental do fascismo.¹⁵

Entretanto, apesar de não assumir uma posição suficientemente sólida a respeito da essência ideológica do bolsonarismo, fazendo considerações sobre fascismo e populismo, o autor parece ter preferência pelo uso do conceito de populismo, para, apesar de ser um conceito pouco preciso, expressar melhor ao menos a estratégia política do bolsonarismo. E isso fica

¹⁴ Idem, p. 8-9.

¹⁵ No entanto, essa visão talvez se explique pelo próprio referencial teórico do autor que não entende o fascismo tal como entendia o autor Nicos Poulantzas (sobretudo na obra: POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. Santa Catarina: Enunciado e Publicações, 2021), como não sendo datado historicamente, nem tampouco específico das realidades da Alemanha e Itália do entreguerras. E sim como uma possibilidade histórica do próprio Estado capitalista burguês dentro de uma conjuntura de crise específica em meio as contradições do sistema capitalista. Sistema capitalista que aliás, vale ressaltar, sequer é mencionado em todo o artigo. E quanto a suposta incompatibilidade do fascismo com o neoliberalismo, vale a leitura das seguintes obras: IANNI, Octavio. *Neoliberalismo e nazi-fascismo. Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie10Dossie1.pdf; ARAÚJO, W. P. Lawfare, neoliberalismo e neofascismo na mitologia do Estado de exceção brasileiro. In: Conceitos - N. 27, Vol. 1 (Jan.Jun 2019) ADUFPB - Seção Sindical do ANDES-SN.

mais claro pela consideração final do autor, na qual considera um dos horizontes possíveis do bolsonarismo uma guinada maior ao populismo em função do programa “Auxílio Brasil”, que se encontrava em gestação na época de seu artigo.

Bolsonaro e o bolsonarismo não se encaixam perfeitamente nos conceitos de fascismo e populismo. Existem traços de aproximação e tendências fascistas, não é à toa que a maioria dos neofascistas o apoiam. Porém, a sua ligação com o neoliberalismo e com interesses de mercado tornam o caso complexo. Dentre os chamados populismos de direita em maior evidência no mundo, que em geral incrementam o papel econômico do Estado e/ou protegem a economia nacional de concorrência externa, o bolsonarismo representa um ponto fora da curva por sua aproximação com o neoliberalismo. Desde o princípio houve dúvidas sobre a sinceridade da sua conversão ao liberalismo econômico, claramente uma atitude oportunista baseada em cálculo eleitoral. A possibilidade de que ele mudasse em direção a alguma forma de nacionalismo e intervencionismo estatal econômico sempre foi considerada por analistas políticos. De fato, houve um ensaio nessa direção por seus ministros militares no início da pandemia (falaram em criar uma espécie de plano Marshall), mas a ideia foi logo abortada por reação do ministro da Fazenda Paulo Guedes e por falta de interesse de Bolsonaro.¹⁶

Outro autor que também produziu algo para rechaçar o designo de fascismo para a experiência bolsonarista foi o historiador Daniel Aarão Reis. Preferindo a utilização do termo “extrema-direita”, uma vez que para o autor o bolsonarismo constitui algo original ainda em desenvolvimento, e que, portanto, não teria uma conceituação clara. Enxergando assim os seguintes problemas na aproximação do bolsonarismo com o fascismo.

Alguns afirmaram que o Brasil teria voltado aos anos 1960 e estaria na iminência de um golpe de estado, como em 1964. Outros preferiram ver semelhanças com a conjuntura que levou à promulgação do Ato Institucional nº 5, editado em dezembro de 1968, que radicalizou a ditadura então existente²⁹. Numa incursão a um passado mais distante, foram invocadas as experiências do movimento integralista brasileiro nos anos 1930, da ditadura do Estado Novo e, num plano mais geral, formularam-se associações – controvertidas – com o fascismo italiano e mesmo com o nazismo alemão, como se verá adiante.

Tais interpretações merecem discussão. Entretanto, como estou convencido de que a ascensão atual da extrema-direita no Brasil constitui um movimento original e ainda com perfil não consolidado,

¹⁶ MOTTA, op. cit., p. 13.

cumpre, antes de tudo, descrever o fenômeno para melhor captar sua especificidade e empreender, se for possível, sua conceituação.¹⁷

A partir desse trecho o autor elenca cinco círculos que compõem a base do bolsonarismo, resumidamente: 1- militares, 2- baixa classe média, 3- igrejas evangélicas, 4- alta classe média, 5- setores da alta burguesia.

Curiosamente, talvez para ampliar a sustentação de sua argumentação, não é mencionado o apoio de organizações de referência fascista e nazista, como mais um “círculo” da composição bolsonarista, o que demonstra a insuficiência de sua análise, uma vez que esses setores cumpriram e continuam a cumprir um papel específico de agitação e terror frente ao “sistema”, e por conseguinte à própria democracia burguesa.¹⁸

O apoio neofascista a Bolsonaro vem de pelo menos desde o ano de 2004. São personalidades integralistas, fascistas, neonazistas, que apoiam virtualmente, presencialmente, e compuseram até mesmo áreas internas de seu recente governo. E por esse motivo é no mínimo irresponsável que na visão de Reis esse não seja considerado um sexto círculo de apoio ao bolsonarismo.

¹⁷ REIS, Daniel, A. O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*. 10/03/2021. p. 15-16. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>. Acesso em: 13/01/2022.

¹⁸ Aliás, se faz oportuno mencionar a relevante descoberta da pesquisadora Adriana Dias, que descobriu cartas de apoiadores nazistas à Bolsonaro que remontam o ano de 2004. Não só de apoio de grupos nazistas como também de retorno de Bolsonaro agradecendo o “reconhecimento”. Conforme aborda a seguinte matéria: PACELLO, Isadora. Pesquisadora de Campinas descobre prova que mostra relação de Bolsonaro com nazistas. *Brasil de fato*. 17/08/2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/17/vinculo-de-bolsonaro-com-neonazismo-e-claro-e-concreto-diz-professora-que-achou-carta-em-site>. Acesso em: 25/05/2023. Bem como as seguintes pesquisas e reportagens que dimensionam a problemática envolvendo o bolsonarismo e o fascismo: ALESSE, G; HOFMEISTER, N. Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG. *El País*. 09/06/2020. Disponível em: <https://brasilelpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em: 25/05/2023.; SOARES, G. Grupos de extrema direita ganham espaço inspirados pelo bolsonarismo. *Poder 360*. 05/09/2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/grupos-de-extrema-direita-ganham-espaco-inspirados-pelo-bolsonarismo/>. Acesso em: 25/05/2023.; MOTORYN, P. Líder de ato neonazista pró-Bolsonaro em 2011 organiza carreatas em apoio ao presidente em SP. *Brasil de fato*. 26/07/2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/26/lider-de-ato-neonazista-pro-bolsonaro-em-2011-organiza-carreatas-em-apoio-ao-presidente-em-sp>. Acesso em: 25/05/2023.

Ademais, ao menos nesse artigo, ao falar do “equívoco” de se relacionar o bolsonarismo ao fascismo, Reis está considerando somente a experiência histórica do entreguerras como referência. E nesse ponto se assemelha com a consideração que Motta também faz acerca do fascismo, de entender o fascismo sob o prisma do acontecimento histórico das décadas de 1920 até 1940, e mais precisamente sob os parâmetros do que foi o fascismo e nazismo na Itália e Alemanha daquele período.

E nesse sentido, uma conceituação mais ampla do conceito de fascismo, entendido como recurso e ou possibilidade histórica das classes dominantes na sociedade capitalista (não circunscritos ao fascismo histórico), passa longe de compor o arcabouço de possibilidades teóricas dos autores tal como é para tantos outros que se debruçaram sobre o conceito de fascismo nas últimas décadas, sobretudo daqueles com matriz teórica referencial marxista.

Por isso Reis sustenta a seguinte ideia:

Apesar de declarações altissonsantes – e de bravatas em série –, que marcaram uma primeira fase do Governo, até junho de 2020, o governo e a extrema-direita não foram capazes de gestar até o momento uma doutrina coerente. Suas formulações encontrar-se-iam num estado gasoso, se a metáfora for permitida, o que dá conta das improvisações e acochambrasões diversas, mal encobertas por uma estridente e poderosa propaganda. Trata-se de uma força política cujas concepções ainda estão em formação, como uma nebulosa, daí as dificuldades em conceituá-la, embora sejam bastante claros – e perigosos – seus propósitos autoritários e antidemocráticos.

Tais propósitos, como já assinalado, tem raízes autoritárias no passado brasileiro. Entretanto, a extrema-direita atual é bastante diferente das referências que vertebraram as ditaduras do passado. E é questionável também a aproximação que se faz entre o quadro atual e a experiência integralista dos anos 1930 e, em particular, com a experiência do fascismo.

De um lado, as conjunturas internacionais que ensejaram as ditaduras e o fascismo histórico (e o integralismo) tem características qualitativamente diferentes das atuais. As ditaduras exprimiam alianças de classe bem definidas e projetos claros de modernização autoritária. Não é o caso da atual extrema-direita.¹⁹

¹⁹ REIS, op.cit., p. 20-21.

Há ainda autores que se utilizam de novos conceitos para os autoritarismos candentes no mundo atual, tal como destaca o autor Michel Lowy, a respeito do conceito utilizado pela autora Marilena Chauí, que apesar de partir do mesmo pressuposto de Reis e Motta na recusa do termo fascismo, tenta avançar com a utilização de uma nova conceituação:

Marilena Chauí também publicou no mesmo site um artigo muito interessante sobre os autoritarismos de nossa época. Marilena recusa o termo “fascismo” para esses novos fenômenos, preferindo o conceito de “totalitarismo neoliberal”. Segundo Chauí, o fascismo era militarista, imperialista e colonialista, o que não é o caso dos atuais regimes autoritários. Me parece um equívoco pois há vários exemplos de fascismos do passado sem vocação imperialista, o franquismo espanhol, por exemplo. O conceito de “totalitarismo neoliberal”, tal como ela propõe é muito rico, mas pode adotar várias formas, uma das quais corresponde ao que estamos chamando de neofascismo.²⁰

Assim como o autor Enzo Traverso, que diverge da utilização e caracterização dos fenômenos autoritários mais recentes como sendo fascistas e propõem uma nova conceituação, chamando-os de “pós-fascismo”. Para o autor os fenômenos atuais seriam uma espécie de interseção:

Hoje a ascensão das direitas radicais desdobra uma ambiguidade semântica: por um lado, praticamente ninguém fala de fascismo – excetuando, talvez, em relação a Bolsonaro – e a maior parte dos comentaristas reconhecem as diferenças existentes entre esses novos movimentos e seus ancestrais dos anos trinta; por outro lado, qualquer intento de definir esse novo fenômeno implica uma comparação com o período entreguerras. Resumindo, o conceito de fascismo parece ao mesmo tempo inapropriado e indispensável para compreender esta nova realidade. Esta é a razão pela qual o conceito de pós-fascismo corresponde a esta fase transicional. Pós-fascismo deve ser entendido tanto em termos cronológicos como políticos: por um lado, esses movimentos aparecem posteriormente ao fascismo e pertencem a outro contexto histórico; por outro, não pode ser definido comparando-o ao fascismo clássico, que segue sendo uma experiência fundacional. Por um lado, já não são fascistas; por outro, não são totalmente distintos, são algo intermediário.²¹

²⁰ LOWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. 2021. A terra é redonda. 24/10/2019. p. 6-7. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 13/01/2022.

²¹ TRAVERSO, Enzo. Pós-fascismo. Fascismo como conceito transhistórico. Teoria marxista. 13/09/2020. p. 2. Disponível em: <https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/pos-fascismo-fascismo-conceito-transhistorico-enzo-traverso>. Acesso em: 15/01/2022.

Já a autora Virgínia Fontes, por sua vez, longe de alocar o fascismo como um capítulo restrito do entreguerras, prefere a utilização do conceito de “protofascismo” para abarcar o conteúdo ainda em desenvolvimento da experiência bolsonarista.

O governo que se implantou em 2019, presidido pelo presidente Jair Bolsonaro, tem viés nitidamente proto-fascista, lastreado centralmente em um anticomunismo primário, que considera todas as demais forças sociais diferentes de si mesmo como alvos de sua “caça às bruxas”. O lema ‘Deus, pátria e família’, verbalizado por expoentes do novo governo, faz lembrar tanto o velho integralismo (fascismo à brasileira, fundado em 1932 e que desaparece na década de 1970, com seus militantes absorvidos por outros partidos) quanto a divisa da hiper reacionária Tradição, Família e Propriedade (católica), que renasce das cinzas após essas eleições, tendo um grupo paramilitar realizando rituais de destruição de bandeiras antifascistas em universidades públicas. O caráter do novo governo não significa que tenha sido implantado no Brasil um ‘regime fascista’, mas evidencia que há tendências fortes nessa direção, e os seus desdobramentos dependerão do quadro de resistência e enfrentamento nacional, assim como das tensões internacionais.²²

Por fim, um dos primeiros autores a produzir uma obra de maior profundidade foi o historiador Marcelo Badaró Mattos. No seu livro “Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil”, Mattos aborda a questão em tom bastante cauteloso, faz um apanhado sobre explicações e tentativas de síntese a respeito do fascismo dentro da literatura marxista; nas discussões da III Internacional Comunista; debate os usos na historiografia; e chega por fim ao debate atual, mais precisamente em termos de neofascismo.

A construção do autor é bastante rica uma vez que considera a longa, a média e a curta duração do fenômeno, passando por diversas experiências históricas e a própria especificidade da configuração política e ideológica que a dominação burguesa assumiu e assume no Brasil. Os autores Antônio Gramsci e Leon Trotsky figuram como importantes referências sobre o fascismo

²² FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. *Combate Racismo Ambiental*. 11/01/2019. p. 1. Disponível: <https://racismoambiental.net.br/2019/01/11/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo-por-virginia-fontes/>. Acesso em: 15/01/2022.

na visão do autor, que trata de “atualizar” tais referências com uma série de novos autores do debate atual sobre fascismos.

E dentro da conclusão de sua obra, Mattos argumenta da seguinte maneira.

Vimos que a maioria das análises convergem para identificar diferentes grupos e interesses compondo (e disputando espaço entre si) o governo Bolsonaro. Militares, olavistas e ultraneoliberais convergiram em alguns momentos para apoiar determinadas linhas políticas do governo. O melhor exemplo se dá em torno à pauta econômica de retirada de direitos dos trabalhadores, aprofundando a superexploração da força de trabalho e a transferência de fundos públicos, serviços monopolizados pelo Estado e empresas estatais para o controle da acumulação privada. Em relação a outros aspectos, como a pauta moral/fundamentalista religiosa do governo, ou o grau de liberdade concedido pelo Estado para o uso privado e público da violência (com a liberação das armas e o excludente de ilicitude), há diferenças e disputas, que envolvem também a relação entre os três poderes. Em algumas pautas centrais para o projeto neofascista do bolsonarismo, portanto, há limites internos ao grupo que governa. Por isso mesmo, sequer quanto ao governo, que tem um neofascista à frente, podemos cravar uma rotulação simples de “governo neofascista”. Seria mais factível destacar a predominância da dimensão, ou componente, neofascista para definir o governo Bolsonaro. O que não se transfere automaticamente para tratar do regime político ou da forma de dominação adotada pelo Estado brasileiro depois de sua eleição. Afinal, um governo com um forte componente neofascista não necessariamente dará origem a um regime neofascista, assim como alguns políticos e governos fascistas na primeira metade do século XX também não lograram moldar completamente os regimes políticos de seus países ao gosto do fascismo.²³

Desse modo o autor consegue fazer uma análise resguardada de afirmações que poderiam ser precoces demais, mas sem que isso o impeça de afirmar a evidência de elementos de cariz fascistas na composição do governo bolsonarista. Esse é um ponto extremamente importante porque atenta para a complexidade dos regimes políticos, como sendo dinâmicos e cambiantes à medida que se faz preciso ser no interior da luta de classes.

²³ MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020. p. 234.

Após todo o exposto, é interessante notar como que por vezes alguns autores se utilizam de referências teóricas as quais simpatizam quase que como sinônimo de autoridade epistêmica absoluta a respeito dos temas que se discute. Esse parece ser um vício que acomete a ampla maioria dos autores, das mais variadas concepções teóricas, e talvez não seja necessariamente um problema. A problemática consiste quando tais referências são utilizadas de maneira mecânica e acrítica, e em alguns casos tais signos de autoridade são utilizados mesmo quando a realidade material difere da apreciação que se faz diante dela. Aliás, essa questão também é válida para o inverso, no caso para a deslegitimização de determinados autores simplesmente por antipatia pessoal ou por representarem uma dada ideologia não aceita na visão do autor que escreve.

Não obstante, objetivou-se no presente artigo construir um breve balanço a respeito das primeiras e diferentes perspectivas de autores com distintas teorias e referências a respeito do bolsonarismo, para tentar dar um panorama geral de uma discussão pertinente e tão candente para a atualidade política brasileira.

No mais, esse espinhoso debate a respeito da caracterização do bolsonarismo como sendo ou não fascista ainda merece uma análise mais aprofundada. No espaço de um artigo fica insuficiente conseguir dar conta com a devida profundidade do entendimento plural do bolsonarismo. Que se trata de um processo histórico ainda sem um desfecho consolidado, com muitas alternativas no horizonte histórico.

No entanto, o que parece ficar evidente é que tanto as defesas do entendimento do bolsonarismo enquanto fascismo, como as não sendo fascista são ou insuficientes ou postulam problemas em suas articulações e

considerações²⁴. Falar em fascismo é falar de um conceito extremamente complexo, como também falar de uma experiência histórica. E é preciso ter clareza em alguns pontos dessa discussão.

Dessa forma, para traçar uma aproximação ideológica entre bolsonarismo e fascismo seria preciso primeiro definir o que de fato é fascismo (a partir da referência teórica utilizada). Em segundo lugar, seria preciso entender que existe o conceito fascismo, e também a experiência histórica (que não foi idêntica nos países que ocorreu). Num Terceiro momento, seria preciso considerar que existe fascismo enquanto movimento, regime, governo, e personalidades fascistas. Por fim, mas não menos importante, também seria preciso manter o rigor científico, e apesar do conceito poder ser alargado, existe um limite para isso, pois se não poderia se incorrer no erro de perder de vista a capacidade heurística do conceito e sua nervura seria totalmente esvaziada de sentido e validade para analisar a realidade histórica do bolsonarismo.

Mas, se existe um ponto consensual a todos os autores aqui utilizados é o entendimento de que para ambos se tratando ou não de fascismo, o bolsonarismo representa grave risco a jovem e frágil democracia brasileira, e aspira resistência a esse delicado período pelo qual atravessa a atualidade brasileira.

Referências

CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Blog da Boitempo*, v. 28, n. 10, 2018. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/38270568/Aspectos_ideol%C3%B3gicos_do_bolsonarismo. Acesso em: 10/01/2022.

FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. Combate Racismo Ambiental. 11/01/2019. p. 1. Disponível:

²⁴ Algo que também pode ser justificado pela emergência do tema, algo muito difuso no período que tais autores escreveram, embora já tivessem elementos bastante concretos em sua composição.

<https://racismoambiental.net.br/2019/01/11/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-oproto-fascismo-por-virginia-fontes/>. Acesso em: 15/01/2022.

LLOWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário – ocaso Bolsonaro. 2021. *A terra é redonda*. 24/10/2019. p. 6-7. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 13/01/2022.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020. p. 234.

MELO, Demian. Sobre o fascismo e o fascismo no Brasil de hoje. *Esquerda Online*. 04/04/2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/04/04/sobre-o-fascismo-e-o-fascismo-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 12/01/2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Bolsonarismo*. Trabalho apresentado no evento: III International Association for comparative fascist studies Convention, Viena, 2020. p.3.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo. *Instituto Humanitas Unisinos*. n. 16. 04/10/2018. p. 12. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>. Acesso em: 11/01/2022.

REIS, Daniel, A. O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*. 10/03/2021. p. 15-16. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>. Acesso em: 13/01/2022.

REIS, Guilherme; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou. *Desenvolvimento em debate*. v.5, n.1, p.51-71, 2017. p. 68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/32164>. Acesso em: 08/01/2022.

TRAVERSO, Enzo. Pós-fascismo. Fascismo como conceito transhistórico. *Teoria marxista*. 13/09/2020. p. 2. Disponível em: <https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/pos-fascismo-fascismo-conceito-transhistorico-zeno-traverso>. Acesso em: 15/01/2022.